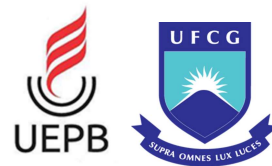




VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



Carne de Barganha: a mercantilização do corpo feminino¹

Mariana Ferreira Herculano²
Odinaldo da Costa Silva³
Universidade Federal de Goiás

O que resta da identidade quando o corpo é reduzido à condição de mercadoria? O objeto de consumo tem nome, voz ou história? A analogia entre mulher e carne não é apenas uma metáfora, é também uma realidade que atravessa o cotidiano de muitas mulheres. Corpos ofertados, avaliados, escolhidos e descartados corroboram com a lógica de uma sociedade que afasta a matéria da condição de sujeito.

A feminilidade, no viés construtivista oriundo das normas regulatórias do patriarcado, é atravessada por expectativas de delicadeza, beleza e submissão. Judith Butler (2015) lembra que o gênero não é uma essência, não é algo inerente e individual, é sim uma questão performativa: o corpo é produzido e reproduzido através de práticas que o moldam e o disciplinam, um roteiro a ser seguido. Quando essa performatividade é absorvida pela lógica do capitalismo neoliberal, sistema esse baseado na mercantilização de tudo, ela se transforma em mercadoria estética. O corpo feminino, então, deixa de ser expressão para tornar-se exibição, uma imagem para agradar e vender. Como observa Simone de Beauvoir (1980, p. 12), “a mulher é o inessencial diante do essencial”; sua existência é construída em relação ao olhar masculino, e esse olhar a define, mede e consome.

¹ Trabalho apresentado no GT-2 “Fotografia contemporânea”

² Graduanda no Curso de Artes Visuais Bacharelado na FAV-UFG, e-mail: mahferreira.mf@gmail.com

³ Professor Doutor do curso de Artes Visuais Bacharelado na FAV-UFG, e-mail: odinaldo.costa.silva@ufg.br



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraiba, Nordeste, Brasil



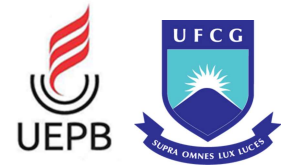
Imagem 1. Série: Carne de barganha, 2024. Fotografia digital, 35x40cm, fotoperformance.

Essa relação de consumo se inscreve em estruturas históricas de poder que desumanizam o corpo das mulheres. Kathryn Woodward (2000) afirma que a identidade se constrói nos contornos entre o eu e o outro, nas tensões entre pertencimento e exclusão. Quando o corpo feminino é convertido em objeto, essa fronteira se rompe e a mulher é retirada do campo do sujeito e lançada na condição de coisa. A mercantilização apaga suas singularidades, reduzindo-a a matéria disposta para o desejo e para o consumo.

Essa série fotoperformática chamada *Carne de Barganha* emerge desse tensionamento entre sujeito e desumanização. O espaço, frio e masculino, é dominado por lâminas, ganchos, sebo, gordura e sangue. Estar ali, nua, entre carnes penduradas, foi um confronto à objetificação. O ambiente não é convidativo, é agressivo, cheio de cheiros e texturas que lembram o descarte e



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



o abate. Durante o processo, com alguns entra e sai de funcionários, o olhar curioso e o descuido da rotina tornaram-se parte da ação, revelando como o corpo feminino permanece vulnerável, mesmo quando se propõe a ser discurso crítico. Um cliente chegou a entrar enquanto as fotos aconteciam, e essa interrupção marcou simbolicamente a invasão constante a que as mulheres estão submetidas, o corpo feminino nunca está totalmente protegido, nem mesmo em seu gesto artístico.

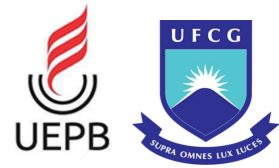


Imagem 2. Série: Carne de barganha, 2024. Fotografia digital, 35x40cm, fotoperformance

Essa imersão no açougue foi uma experiência sensorial, o frio cortante, a gordura que gruda na pele, o ar saturado de sangue, inscrições que marcaram meu corpo e o transformou em evidência. A performance não busca o belo, mas o verdadeiro, o desconforto é proposital, pois é nele que o sentido emerge. A carne humana, justaposta à carne animal, revela a banalização da violência e



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



a linha tênue entre o ser e o objeto. Essa estética inquietante convoca o espectador ao incômodo, à reflexão sobre a naturalização da exposição do corpo feminino, tanto nas vitrines reais quanto nas simbólicas.

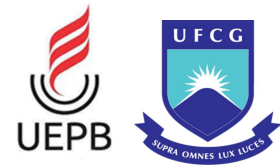


Imagem 3. Série: Carne de barganha, 2024. Fotografia digital, 35x40cm, fotoperformance

Naomi Wolf (1992) observa que o setor dos cosméticos de beleza é um eficaz sistema de controle do patriarcado. O corpo belo, recatado e disciplinado sustenta o sistema que as normas oprimem, pois é simultaneamente vitrine e prisão. Silvia Federici (2017) observa como, historicamente, o corpo das mulheres foi moldado, controlado e delimitado. O corpo disciplinado é também o corpo contido, precisando se contorcer, se adaptar, ajustar para existir. Ao adentrar o espaço do açougue, essa presença feminina rompe o costume e o conforto, desloca o olhar, perturba o hábito. A imagem que resulta desse gesto não convida à contemplação, mas à estranheza. O corpo exposto não é um



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



corpo passivo, e sim um corpo que resiste. O desconforto que provoca no espectador é o mesmo que denuncia o cotidiano, a mulher reduzida à função de carne. O ensaio revela, assim, não apenas o processo de mercantilização do corpo feminino, mas também a sua potência de reapropriação, um movimento de tornar-se sujeito dentro da própria exposição.

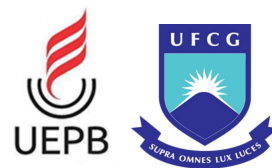


Imagem 4. Série: Carne de barganha, 2024. Fotografia digital, 35x40cm, fotoperformance

Em um país onde os índices de feminicídio e de violência de gênero continuam a crescer, a metáfora da carne ganha uma dimensão concreta. A cada corpo violado, o feminino é lembrado de sua precariedade, de sua posição socialmente fabricada como algo disponível. Mas é justamente no ato de expor-se criticamente, de reocupar a imagem, que essa lógica pode ser tensionada. O corpo, mesmo ferido e desumanizado, ainda guarda a potência da resistência. Ao expor-se, não se oferece, confronta. Entre o frio das vitrines



VIII Grão Fino: Semana de Fotografia
Campina Grande/PB
4 a 5 de Dezembro de 2025
Paraíba, Nordeste, Brasil



e o calor da carne viva, ele tensiona o olhar que o consome e devolve o desconforto. Sua presença rompe a lógica da mercadoria, mesmo fragmentado, o corpo feminino resiste, vibra, insiste em significar além daquilo que lhe foi imposto.

PALAVRAS-CHAVE: corpo; identidade; feminilidade; objetificação; performatividade.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva**. São Paulo: Elefante, 2017.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres**. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual*. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000.